O "VENTO LESTE" E A CIDADE:

O Caminhar social na poesia de Sophia de Mello Andresen

Fernanda Rodrigues Galve[1]

RESUMO

O "Vento Leste" que é provocado pela palavra, movimenta o tempo e apreende a cidade. Os livros, *Livro Sexto (1962)*, *Geografia (1967)* e *O nome das coisas (1977)* da poeta Sophia de Mello Breyner Andresen percorrem sentidos da cidade em um momento de ameaças e mordaças do Regime Salazarista. Nesta breve análise, o encontro da História e da Literatura será o trajeto social que versará a cidade e sua relação com o tempo e memórias.

Palavras-chave: cidade, tempo, palavra

ABSTRACT

The "East Wind", which is provoked by the word, moves time and apprehends the city. The books, Livro Sexto (1962), Geografia (1967) and O nome das coisas (1977) by poet Sophia de Mello Breyner Andresen travel through the city at a time of threats and gags by the Salazar. In this brief analysis, the meeting of History and Literature will be the social path that will cover the city and its relationship with time and memories.

Keywords: city. time, word .

1 INTRODUÇÃO

"A poesia está na rua", frase da poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, em 25 de abril de 1974, durante a Revolução dos Cravos. Essas palavras foram sopradas e ecoadas como um "vento leste" ao ocupar a cidade por novas direções. No contexto de luta por liberdade, democracia e deposição do regime Salazarista.

A proposta, nesta breve análise, é um caminhar pela cidade, que é nomeada pela palavra poética como espaços do ser, do fazer e do dizer. Para a poeta, a cidade é reflexão do construir e do caos causado pelo desiquilíbrio do natural. O tema aqui

[1] UFMA, Doutora em História Social; Fernanda.galve@ufma.br

proposto, percorrerá o conceito de cidade e sua relação política, através dos poemas de Sophia de Mello (1919-2004). Poemas produzidos, principalmente, durante as décadas de 60 e 70, em Portugal, integrados nas obras *Livro Sexto (1962)*, *Geografia (1967)* e *O nome das coisas (1977)*.

Sabe-se que cidades são transformadas e observadas constantemente por seus cidadãos. Os poetas, possuidores da palavra, do nomear, engendrar dialogicamente, enlaçam a cidade com sentidos e sentimentos. Seus versos apreendem universalidades das ações humanas. Olhares individuais e de vivências que percorrem na cidade, suas ruas, prédios e praças. Por conseguinte, a poeta Sophia de Mello recolhe sensações na construção de suas memórias das cidades por onde viveu.

Como ação para investigação seguiremos dois caminhos que, de imediato, nos interessa analisar nessa comunicação. Em primeiro lugar, a cidade é delineada nos poemas, como um espaço de reflexão e embate político e social? Em um segundo trajeto, pelo caminhar a cidade por uma obra poética, documento de análise, apreenderemos o conceito de cidade e suas memórias?

Deste modo, na bifurcação da Literatura e com a História tentaremos promover um fluxo entre os esse dois caminhos. A proposta é delinear saídas possíveis, escritas pela poeta, de uma liberdade tão desejada. No contexto de sua escrita estão presentes grades, exílios, perseguições e proibições. No *Poema* ela expressa essa relação:

> A minha vida é o mar o abril a rua
> O meu interior é uma atenção voltada para fora
> O meu viver escuta
> A frase que de coisa silabada
> Grava no espaço e no tempo a sua escrita (ANDRESEN, 2018, p.575)

Desta forma, é possível pensar como suas palavras poéticas criam imagens inspiradas por seu engajamento político e sua luta por liberdades. Além disso, o mês de abril, o mar, o vento são marcos de tempo em seus versos. Nesse sentido, a paisagem, em sua escrita poética descreve lembranças e movimentos. A cidade para a escritora em muitos de seus poemas, cria isolamentos, molda pensamentos e ações frente ao contexto de cerceamentos sociais. Além disso, a palavra poética nomeia o

tempo e versa a cidade. Um espaço que mistura sons, ruídos e silêncios. No poema, *Cidade* ela define:

> Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,
> Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta,
> (...)
> As imagens vivem e vão cantando libertadas
> E no secreto murmurar de cada instante
> Colhi a absolvição de toda a mágoa. (ANDRESEN,2018, p.74)

No poema essa hostilidade ruidosa de um espaço frio, desumanizado transmite a mágoa que é perdoada pela palavra e pelo dizer. Neste sentido, "o discurso poético, por sua vez, é aquele que expõe, que mostra ou que deixa escutar o dialogismo que o constitui, (...) as vozes contraditórias dos conflitos sociais." (FARACO, 2007,p.34)

No caso, o diálogo entre diferentes discursos que configuram a cidade e/ ou uma sociedade são para a escritora matéria de representações. No movimento do tempo seus poemas trazem imagens da linguagem e da história. Portanto, encontramos que:

> as ciências humanas não se referem a um objeto mudou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre(falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humana, etc.) (FARACO, 2007, p.93)

Neste ponto, a vida encontra signos e significação para o provocar o social e o político, inseridos na cidade. A palavra poética, aqui vem documentar o social e ocupar a cidade por um caminhar individual e crítico da poeta Sophia de Mello.

A poeta nasce em 1919 na cidade do Porto, mas durante a década de 40 se muda para a cidade de Lisboa, onde se casa com o advogado Francisco Sousa Tavares. Ele que durante o regime Salazarista defende alguns presos políticos e foi preso pelo PIDE.

Durante sua trajetória de vida, Sophia de Mello, foi atuante como escritora de poemas, livros infantis além de tradutora de autores clássicos. Ela denunciou ativamente o regime salazarista e lutou por direitos. Participou dos movimentos católicos e fundou da Comissão de apoio aos presos políticos. Em 1975 foi eleita para

a Assembleia Constituinte. Em uma entrevista ao jornal de *Letras e Artes* de 1963 ela pontua: “se virarmos a cara ao sofrimento, seremos levados à monstruosidade e ao crime.” E, finaliza a resposta ao dizer que a missão do poeta é “olhar, ver e dizer o que viu.” No seu *Livro Sexto (1962)* ela apreende o sentimento desse tempo e a importância de sua escrita do seu dizer*:*

> O poema me levará no tempo
> Quando eu não for habitação do tempo
> E passarei sozinha entre as mãos de quem lê
>
> (...)E entre quatro paredes densas
> De funda e devorada solidão
> Alguém seu próprio ser confundira
> Com o poema no tempo (ANDRESEN,2018, p.457)

De acordo com as palavras poéticas e sua biografia que serão nosso mapa para um olhar sensível para esse momento. Percorrendo essa análise, dialogamos com uma compreensão teórica que transpassa autores como Chartier, Lukács, Bakthin e Collot. Como já assinalado, a escrita de Sophia de Mello é “capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.”

Em seus poemas, vemos como o escrito, o lido e interpretado é um percurso lutável e provocador desse social experimentado. Deste modo, a palavra recria, recompõe ressignifica espaços da história ao não negar o real. E a cidade, uma de suas temáticas recorrentes, aparece como moldura do olhar ao estabelecer imagens e atitudes. No poema a *Forma justa*:

> Sei que seria possível construir o mundo justo
> As cidades poderiam ser claras e lavadas
> Pelo canto dos espaços e das fontes
> O céu o mar e a terra estão prontos
> A saciar a nossa fome do terrestre
> A terra onde estamos – se ninguém atraiçoasse – proporia
> Cada dia a cada um a liberdade e o reino
> – Na concha na flor no homem e no fruto
> Se nada adoecer a própria forma é justa
> E no todo se integra como palavra em verso
> Sei que seria possível construir a forma justa
> De uma cidade humana que fosse
> Fiel à perfeição do universo [...]
>
> Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
> E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo

(ANDRESEN, 2018, p. 710)

Neste poema o conteúdo político constitui ao projeto de uma cidade em sua "forma justa" e ideal. Aqui a cidade é idealizada, com uma sociedade sem desigualdade, com liberdade e cidadania. Nesse sentido, a palavra é a própria liberdade.

Os contextos que envolvem a sociedade portuguesa na década de setenta estão carregados de sentimentos que variam entre tempos de urgência, modernização e conscientização de seu passado e de suas memórias. O olhar e ver a cidade não se reduz a enxergar somente o que está diante dos olhos. A poesia e a história possibilitam ações e produções de olhares infinitos para as paisagens tanto externas quanto internas apresentadas pela poetas por suas obras literárias. Para Chartier:

> [...] as representações criam práticas e as práticas criam representações. As representações sociais sobre determinado objeto, ou sujeito, criam práticas sobre o objeto, ou sujeito; de tal modo, que as representações passam a ser a própria realidade" (CHARTIER, 1990, p.25)

E ampliamos o espaço da representação que percorre no tempo um persistente olhar para a vida através de suas das palavras, ela diz "Livre habitamos a substância do tempo." (ANDRESEN, 2018, p.668) A palavra desse modo, é sentida e experimentada em múltiplas temporalidades.

A poeta Sophia de Mello, apreende imagens e espaços de memórias, como ela versa, "Apaixonada estou dentro do tempo/ Que me abriga com canto e com imagens." (ANDRESEN, 2018, p.471) Aqui o tempo proporciona ressignificação e imagens para a compreensão de espaços da cidade. O tempo contêm sentidos para o contexto no poema *Data*:

> Tempo de solidão e incerteza
> Tempo de medo e tempo de traição
> Tempo de injustiça e de vileza
> Tempo de negação
>
> Tempo de covardia e tempo de ira
> Temo de mascarada e de mentira
> Tempo que mata quem denuncia
> Tempo de escravidão

Tempo dos coniventes sem cadastro
Tempo de silêncios e de mordaça
Tempo onde o sangue não tem rastro
Tempo de ameaça

(ANDRESEN,2018, p.483)

As relações polifônicas, de múltiplos sons e silêncios encontram em tempos, sociedades e política pertencentes a cidade e são nomeadas pela poeta. Esse tempo nos versos irmanam no mesmo rito de dor e denúncia. Pode-se salientar que pensar dialeticamente a história com a literatura possibilita aqui uma leitura do movimento e o tempo. Como reflete (CHARTIER,1990, p.17):

> é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Portanto, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço.

Ao compreender, deste modo, como a palavra, nomeia a vida que se manifesta nos atos e nas ações sociais a história relaciona-se com a literatura. Deste modo para (LUKÁCS, 1965, p.79):

> O escritor precisa ter uma concepção do mundo inteiriça e amadurecida, precisa ver o mundo na sua contraditoriedade móvel, para selecionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários. [...] Na verdade, quanto mais uma concepção do mundo é profunda, diferenciada, nutrida de experiências concretas, tanto mais plurifacetada pode se tornar a sua expressão compositiva.

Como argumentamos, as representações históricas, por meio da ficção, questionam tanto as representações da história como a literária, bem como os vínculos que elas mantêm umas com as outras. Na poesia verificamos o dito, um devir e um “entre lugar” atuante dentro de um discurso na produção da história. E,

> A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social

> geral e unitário mediante o qual o homem se apropria do mundo por meio de sua consciência. [...] (LUKÁCS, 2009, p. 89).

Estas características em “buscar a palavra onde há silêncio, de encontrar o gesto onde se registra a ausência. [...] “(PESAVENTO, 2004 p. 25) Aqui a palavra gesta nossas reflexões que seguem a partir dos recortes de memórias, dos testemunhos de guerras particulares, que se tornam singularizadas. A poeta escreve no poema, *Atelier do escultor do meu tempo:*

> Uma nudez geométrica
> Implanta nos espaços sucessivos
> O vazio propício à aparição dos fantasmas
>
> É aqui que as estátuas mostram
> A necessidade sem discurso dos seus gestos
>
> Exilada da vida e da cidade
> Exiladas do tempo
> Elas convocam
> O fragmento a mutilação os destroços
>
> O peixe que navega sem perturbar o silêncio (ADRESEN,2018, p.541)

A rigor, a cidade é apenas a porção da configuração do social que a percorre muitas vezes em silêncio. A poesia apresenta, portanto, uma visão ampliada da essência da cidade e coloca sua interioridade como forma da captação dos sentidos. O poema vislumbra sua interioridade que foi deportada no tempo que mistura silêncios e ruídos. O tempo aqui é múltiplo, tempo do viver do lembrar e do agir. O tempo na cidade é dividido em discursos entre solidão, medo e exílio.

Esse dialogismo do visível e do invisível é escrito e constitui uma diferença essencial entre o contexto e seu espaço. Nesse panorama não se busca um alinhamento do ver, mas, do dizer.

A palavra ao edificar a cidade lida com o concreto e o subjetivo, presentes nas ações de seus habitantes. Segundo Lukács, “arte tende a recompor o equilíbrio entre subjetividade e objetividade, oferecendo a alma expatriada ou exilada uma imagem do mundo que lhe serve de pátria, de realidade conforme à essência

humana". (TERTULIAN,2008, p.68) Ao não anular a distância da poesia e a vida. Deste modo, podemos pensar como a história

> É o mundo da "facticidade" ou, segundo sua própria e significativa denominação, o "mundo do pragmatismo", no qual o homem se encontra imerso com a totalidade de sua vida e de sua consciência, um mundo no qual o homem é muito mais possuído pela realidade que transcende sua consciência do que ele mesmo possui e domina essa realidade. (TERTULIAN,2008, p.131)

As reflexões, aqui nos permite ""viver" uma existência purificada de todos seus elos e dependências práticas; "viver" tornando-se um fim em si, sob a forma de uma" realização imanente", dá-nos, então, "o sentido" do vivido como vivido". (TERTULIAN,2008, p.135) A poesia cria fusão do sentimento com o homem e sua ação. (TERTULIAN,2008, p.283) No poema *Dia,* vemos:

> Mergulho no dia como em mar ou seda
> Dia passado comigo e com a casa
> Perpassa pelo ar um gesto de asa
> Apesar de tanta dor e tanta perda (ANDRESEN,2018, p.669)

Esse mergulho no tempo do natural, do mar registra sentimentos capazes de revelar atitudes frente a vida em sincronicidade entre inícios e fins, mesmo em um período de tanta dor. Seus poemas configuram as infinitas variações do tempo dentro da cidade. Portanto, "o poema faz ver o mundo na medida em que é ele próprio um mundo que se faz ver." (COLLOT, 2005, p. 178).

Não se trata, porém, de mera aplicação aos textos poéticos de estruturas e esquemas redutores, para a análise, mas questionamentos para a cidade. Assim a cidade é assimilada pela palavra e seu sentido dentro de um tempo de incertezas.

Por fim, importa o tempo, seu movimento, sua memória que o constituem entre tensões dos homens e a cidade. A partir dessas análises, os poemas de Sophia de Melo revelam experiências que traçam caminhos na cidade e se modificam com o "vento leste" do tempo.

2 CONCLUSÃO

Enfim, a cidade é espaço dialético e representativo do panorama de vida. Vida, movimento no tempo onde seus habitantes a tecem em oposições. A partir da escrita de Sophia de Mello, percorremos e fomos guiados por ventos que provocam o social. Os poemas proporcionaram caminhos para sensações de um tempo político. No poema *Revolução* escrito em 27 de abril de 1974, ela escreve:

> Como casa limpa
> Como chão varrido
> Como porta aberta
> Como puro inicio
> Como tempo novo
> Sem mancha nem vicio
> Como voz do mar
> Interior de um povo
> Como página em branco
> Onde o poema emerge
> Como arquitetura
> Do homem que ergue
> Sua habitação (ANDRESEN,2018, p.669)

No poema é visível como a palavra arquiteta sua habitação e faz surgir a revolução. Os versos apreendem o ser-no-mundo nesse caminhar pela cidade. Palavras que criam tanto espaços de encontro com muitos conflitos, incertezas, injustiças quanto percursos que promovem desencontros e denúncias ao constituírem realidades.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra Poética**. Porto: Assírios e Alvim, 2018.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Tradução de Ida Alves *et al*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2005.

Colóquio Letras. Lisboa: *Fundação Calouste Gulbenkian*, número 176, janeiro/abril 2011.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2007.

Letras e Artes de 1963. disponível em: https://purl.pt/19841/1/intro.html. Acesso: 30/08/2021

LUKÁCS, Georg. **Ensaios sobre literatura**. Tradução Leandro Konder, Giseh Vianna Konder *et alli*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leitura da História e da literatura.** História da Educação, ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas,2004.

TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético**. São Paulo: editora UNESP, 2008.